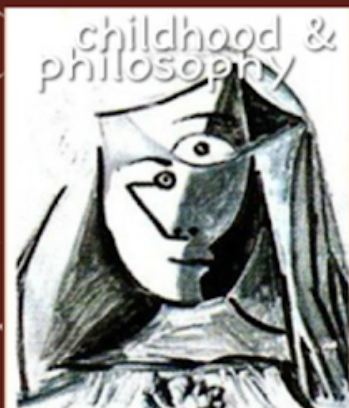




experiência

educação freireana, brincadeiras africanas e filosofia ubuntu com crianças

autores

maria josé campelo costa

programa de pós-graduação em educação (ppged) e núcleo de educação popular paulo freire (nep) da universidade do estado do pará, belém, pará, brasil
e-mail: maria06campelocosta@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0008-9803-0975>

ivanilde apoluceno de oliveira

programa de pós-graduação em educação (ppged) e núcleo de educação popular paulo freire (nep) da universidade do estado do pará, belém, pará, brasil
e-mail: ivanildeapoluceno@uepa.br
<https://orcid.org/0000-0002-3458-584X>

editor: walter omar kohan

<https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>

doi: 10.12957/childphilo.2025.93179



resumo

O objetivo deste artigo é relatar a experiência educativa de um Grupo de Extensão de Educação Freireana e Ensino de Filosofia com Crianças, vinculado a um Núcleo de Educação Popular de uma universidade pública do estado do Pará, que desenvolve ações educacionais com 16 estudantes na faixa etária de 10 a 12 anos, de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Belém (Pa). As estratégias metodológicas foram baseadas na educação freireana, tais como: tema gerador, círculo dialógico, criação de fichas com significado das palavras, além de brincadeiras africanas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental tendo por base autores que tratam do tema, entre os quais: Freire (1987, 1996, 2015a, 2015b), Kashindi (2017), Oliveira (2015), Sacavino (2016), Walsh (2009), Candau (2008), Fleuri (2006), Ramose (1999), Tutu (2023) e o Relatório das Atividades dos Encontros Dialógicos, realizados em 2024, na escola pública. Dos resultados, destacam-se: o fortalecimento do sentimento de pertencimento e identidade das crianças, as quais perceberam que as brincadeiras africanas fazem parte de suas vivências em comunidade; e o reconhecimento, através do brincar, dos princípios da

filosofia Ubuntu e de sua dimensão educativa em diálogo com a educação freireana.

palavras-chave: brincadeiras africanas; filosofia ubuntu; educação freireana; filosofia com crianças.

freirean education, african games and ubuntu philosophy with children

abstract

The objective of this next article is to describe the educational experience of a Freirean Education Extension Group and Philosophy Teaching with Children, linked to the Popular Education Center at a Public University in the state of Para, which develops educational initiatives with 16 students aged 10 to 12 in the 5th grade of a public school in Belém-PA. The methodological strategies were based on Freirian Education, such as : Generator topics, dialogic circles, creation of cards with the meaning of each word, as well as African games. This is a bibliographical and documentary research based on authors who deal with the subject, including: Freire (1987, 1996, 2015), Kashindi (2017), Oliveira (2015), Sacavino (2016), Walsh (2009), Candau (2008), Fleuri (2006), Ramose (1999), Tutu (2023) and the Report of Activities of the Dialogical meetings, held in 2024 at a public school. High-lighted results are: The strengthening of the children's sense of belonging and identity, who realized that African games are part of their Community life experiences; and that through play, children identified the principles of the Ubuntu philosophy and its educational dimension in dialogue with Freirean Education.

keywords: african games; ubuntu philosophy; freirean education; philosophy with children.

educación freireana, juegos africanos y filosofía ubuntu con niños

resumen

El objetivo de este artículo es informar sobre la experiencia educativa de un Grupo de Extensión Docente de Educación y Filosofía Freireana con niños, vinculado a un Centro de Educación Popular de una universidad pública del estado de Pará, que desarrolla actividades educativas con 16 estudiantes de entre 10 y 12 años de edad en una clase de quinto grado de una escuela pública en Belém-PA. Las estrategias metodológicas se basaron en la pedagogía freireana, tales como: generación de temas, círculos dialógicos, creación de tarjetas con el significado de las palabras, además de juegos africanos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental tendo por base autores que tratam do tema, entre os quais: Freire (1987, 1996, 2015), Kashindi (2017), Oliveira (2015), Sacavino (2016), Walsh (2009), Candau (2008), Fleuri (2006), Ramose (1999), Tutu (2023) e o Relatório das Atividades dos Encontros Dialógicos, realizados em 2024, na escola pública. Los resultados destacan: el fortalecimiento del sentido de pertenencia e identidad de los niños, al darse cuenta de que los juegos africanos forman parte de sus experiencias en la comunidad; y que, a través del juego, los niños identificaron los principios de la filosofía Ubuntu y su dimensión educativa en diálogo con la pedagogía freireana.

palabras clave: juegos africanos; filosofía ubuntu; pedagogía freireana; filosofía con niños.

educação freireana, brincadeiras africanas e filosofia ubuntu com crianças

Estar com o Outro é perceber a interdependência que nos constitui como seres humanos. É estar consciente da força vital que possibilita a nossa permanência na vida. [...] A interação entre seres humanos e outros seres ou entidades cósmicas é primordialmente para gerar, cuidar e transmitir a vida (Kashindi, 2017, p. 19).

introdução

O objetivo deste artigo é relatar a experiência educativa de um Grupo de Extensão de Educação Freireana e Ensino de Filosofia com crianças, vinculado a um Núcleo de Educação Popular de uma universidade pública do estado do Pará, que desenvolve ações educacionais com 16 estudantes na faixa etária de 10 a 12 anos, de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Belém (Pa).

Esse Núcleo de Educação Popular desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em diferentes contextos educacionais, entre os quais escolas públicas. E entre os Grupos de Estudos e Trabalho que atuam em escolas, consta o de Educação Freireana e Filosofia (GETEFF), que desenvolve o ensino de filosofia com crianças, na perspectiva educacional de Paulo Freire.

No ensino de filosofia com crianças, no ano de 2024, foi debatido o tema gerador: “Interculturalidade com ênfase nas culturas indígenas e africanas”. Neste relato, o foco é para a interculturalidade e cultura africana, com a valorização da cultura dos povos africanos, fundamental para construção da identidade do povo brasileiro, por meio de brincadeiras africanas e da filosofia Ubuntu.

A filosofia Ubuntu expressa uma forma de compreender as pessoas de forma interconectada e unida por uma humanidade que se efetiva com os outros, significando que temos a responsabilidade de cuidar uns dos outros, sendo importante as relações de respeito, reconhecimento e solidariedade com os outros, com vistas a um mundo mais justo, inclusivo e humano.

A filosofia Ubuntu no trabalho pedagógico freireano com crianças está relacionada às discussões sobre o pensamento colonial e o racismo como formas

de opressões, bem como às suas superações pelo conhecimento da história e cultura do povo africano, pelas suas brincadeiras e filosofia Ubuntu, valorizando a sua ética, a humanização, o respeito ao outro, as práticas solidárias e a diversidade humana.

O trabalho educativo realizado pelo NEP tem por base o pensamento educacional humanista e intercultural crítico de Paulo Freire (1987), no qual homens e mulheres são considerados seres da busca, cuja vocação ontológica é humanizar-se em relação com o outro e o mundo. Nesse sentido, a relação com o outro torna-se fundamento ontológico, ético, epistemológico e político para afirmação da própria existência humana.

Assim, por meio de conhecimentos da filosofia Ubuntu, de brincadeiras africanas e da educação freireana, foram enfatizadas a interdependência, a humanidade, a importância da comunidade, o respeito, a solidariedade e o cuidado com o próximo, promovendo uma educação inclusiva, valorizando a diversidade e a colaboração entre as crianças.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental tendo por base autores que tratam do tema, entre os quais: Freire (1987, 1996, 2015a, 2015b), Kashindi (2017), Oliveira (2015), Sacavino (2016), Walsh (2009), Candau (2008), Fleuri (2006), Ramose (1999), Tutu (2023) e o relatório das Atividades dos Encontros Dialógicos, realizadas uma vez por semana, no ano de 2024, na turma de 5º ano de uma escola pública.

Este artigo está estruturado em cinco seções: a introdução, em que se apresentam o objetivo e a metodologia do relato de experiência; a filosofia Ubuntu: conceituação e princípios; a educação intercultural crítica freireana; educação humanizadora e intercultural crítica freireana e o ensino de filosofia Ubuntu com crianças em diálogo com a educação freireana; e as considerações finais.

a filosofia ubuntu: conceituação e princípios

Nogueira e Barreto (2018) explicam que a palavra “ubuntu” não existe em todas as línguas faladas nos países africanos, estando presente em quatro idiomas: Ndebele, Swati, Xhosa e Zulu. Além disso, o termo tornou-se muito popular depois de discursos e práticas dos sul-africanos Nelson Rolihlahla Mandela e

Desmond Mpilo Tutu, ambos vencedores do Prêmio Nobel da Paz. Mandela utilizou a filosofia “ubuntu” para propor uma política de reparação em diversas áreas, e Desmond Tutu aproximou o termo “ubuntu” no sentido de perdoar, não como forma de esquecer, mas de ressignificar as ações dos agressores para reparar o mal que fizeram.

Desmond Tutu (2003) destaca que Ubuntu é uma palavra Zulu, cuja tradução é: “Eu sou porque nós somos”. Consiste em uma visão de mundo que percebe as pessoas de forma interconectadas, interdependentes e unidas por uma humanidade comum, estando o nosso bem-estar inextricavelmente ligado ao bem-estar dos outros.

Kashindi (2017, p. 5) afirma que: “em termos gerais, Ubuntu significa, por um lado, a humanidade que é vivenciada e realizada com os outros, e, por outro, a humanidade como valor”. Nessa perspectiva, significa que o ser humano estabelece sua humanidade no reconhecimento da humanidade dos outros, o que implica estabelecer relações humanas de respeito e de reconhecimento do outro (Ramose, 1999), sendo os seres humanos colocados como referência ética e também política, como sujeitos de direitos.

Ubuntu, então, é uma forma particular de viver e expressar o mundo dos povos africanos, a partir do qual o edifício ético-filosófico africano é construído. Apresenta-se como uma filosofia, uma ética, um humanismo e uma cosmovisão bantu, de cunho africano (Kashindi, 2017).

Ubuntu se apresenta como raiz da filosofia africana, isto é, como uma ontologia e epistemologia africana. A palavra “ubuntu” é constituída por duas palavras em uma, no prefixo *ubu-* e na raiz *-ntu*, expressa como *ubu-ntu*, porque são dois aspectos da existência como uma unicidade e inteireza indivisível. “Ubu” abre-se à existência antes de manifestar a si mesmo na forma concreta (*ntu*). Assim, por estar aberto à existência, é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, através de formas particulares e modos de ser. Nesse sentido, “ubu” é sempre orientado para um “ntu”. Por isso, expressa a indivisível unicidade e inteireza da epistemologia e ontologia (Ramose, 1999).

Nessa concepção, o ser humano é compreendido em sua inteireza e unicidade, isto é, na integralidade do ser, na qual a racionalidade e a afetividade, o corpo e o espírito estão indissociáveis.

Os princípios básicos da filosofia Ubuntu, segundo Tutu (2003), são: a) a interconectividade, compreendendo que todos somos interconectados e interdependentes; b) a compaixão, que nos ensina a cuidar dos outros como cuidamos de nós mesmos; c) o perdão, que leva à cura e à reconciliação, fazendo melhorar nosso bem-estar; d) a justiça social, na medida em que o Ubuntu nos ensina a defender o que é certo, mesmo quando é difícil, bem como que todos merecem ser tratados com dignidade e respeito.

Esses princípios compreendem o ser humano em relações de interdependência com os outros, envolvem a escuta e o cuidar dos outros, o perdão e o respeito aos outros, que devem ser tratados com dignidade, superando o olhar individualista da sociedade capitalista, as atitudes egocêntricas e competitivas, para alcançar ações dialógicas e de cooperação com os outros.

A filosofia Ubuntu, segundo Kashindi (2017), se caracteriza como uma ética da vida, que se pauta nos seguintes pressupostos: a pessoa é uma pessoa por causa de outras pessoas; a vida é maior do que a riqueza; a soberania do rei deriva e pertence a seus súditos, e nenhum ser humano pode ser absolutamente inútil, significando que toda a vida é relacional, inclusive com os seus antepassados, existindo uma relação vital entre os seres humanos e outras entidades do cosmos. Nessa perspectiva, a vida é entendida como um “dom vindo dos antepassados e do cosmos”, que exige responsabilidade, isto é, quem recebe deve transmitir, perpetuar e cuidar desse dom para as futuras gerações. Dessa forma, no mundo bantu, receber algo gera uma “obrigação moral de retribuir”, pois não agradecer ou não retribuir é sinal de falta de humanidade, de perda do “Ubuntu”. A generosidade é um ato que fortalece tanto quem dá quanto quem recebe, aumentando a força vital de ambos. Assim, a solidariedade surge como um ciclo de trocas e reciprocidades, pois, quando se compartilha, se é generoso, se faz o bem, consequentemente aumenta-se a própria força vital, tornando-se forte.

O autor ainda ressalta que, na ética africana, a centralidade da força vital essencial na vida do “muntu” (pessoa), que busca constantemente fortalecê-la,

pois ela é o centro da sua existência. Além disso, essa força vital se manifesta de forma “ôntica”, pela diversidade de relações e significados, e “ontológica”, pois define a própria realidade e existência, configurando sua visão de mundo e, portanto, a sua forma de ser neste mundo. Nada se move sem impactar as outras forças, como numa grande teia de interdependências. Dessa forma, cada geração precisa reconhecer a importância dos seus antepassados e, por isso, deve assumir a responsabilidade de cuidar e manter esse legado. Pensando assim, a solidariedade se torna algo essencial na cultura africana, porque tem o papel de fortalecer, proteger e fazer crescer a força da vida, a qual é o fundamento de toda a ética no mundo africano (Kashindi, 2017).

Dessa forma, a “ética tradicional africana reconhece o vínculo existencial entre as pessoas e o meio ambiente, a dívida que cada geração deve aos seus antepassados e sua consequente responsabilidade para com o seu legado” (Murove *apud* Kashindi, 2017, p. 13).

A filosofia Ubuntu busca enfatizar a importância da coletividade, interdependência, conexão, o respeito e a empatia entre as pessoas. A ideia dessa filosofia é de que a identidade subjetiva está diretamente ligada ao bem-estar da comunidade, na qual não há competição entre vencedores e perdedores – o importante é o bem viver coletivo.

educação humanizadora e intercultural crítica freireana

Trabalhar o tema interculturalidade com as crianças no atual contexto educacional brasileiro, e mais especificamente nas escolas paraenses, torna-se um desafio gigantesco, pois os educadores se deparam com inúmeras limitações, entre as quais destacamos: a) a permanência de uma educação conteudista e bancária, desvinculada da realidade social das crianças, que enfraquece o empoderamento delas e as colocam em uma posição de sujeitos incapazes de debater e criar soluções para os problemas sociais, por tratar-se de assunto de adultos; b) desvalorização da diversidade cultural, por meio da invasão cultural imposta pela cultura de massa, caracterizando a sobreposição da cultura dominante sobre a cultura local; c) o enfraquecimento do processo de construção de identidade e pertencimento das crianças ao nível pessoal e coletivo; d) ausência de momentos

de interações com outros grupos sociais visando o respeito por culturas diversas; e) resistência para compreender que a cultura está em constante processo de transformação através da criação e recriação entre o eu e o outro.

Em se tratando de empoderamento, ocorre que as crianças não se sentem sujeitos participantes da sociedade. Na condição de crianças em desenvolvimento, de modo geral, na escola não lhes é permitido falar, muito menos reivindicar questões sociais, pois se trata de “coisas de adulto”; portanto, estão na fase da vida de receber conhecimentos e orientação dos adultos (pais, educadores, irmãos), sendo excluídas da construção do saber.

No que se refere à desvalorização da diversidade cultural através da invasão cultural ou da imposição da cultura dominante como única forma de conhecimento em detrimento das culturas locais, percebe-se que as crianças estão valorizando mais a cultura de massa, que se alastra em grande velocidade por meio de redes sociais como Tiktok, Instagram, YouTube e Facebook, em detrimento de poucas produções e divulgação nas redes sociais da cultura local.

Outro fator crucial para o apagamento da cultura dos povos originários da Amazônia é a questão do pertencimento e da identidade. As crianças, mesmo tendo origem com os povos indígenas ou afrodescendentes, não se identificam como tais, reproduzindo o estereótipo racial das pessoas brancas. Somente quando interrogadas sobre o conhecimento da origem dos alimentos, das brincadeiras, das linguagens, da arte, da literatura, das músicas, entre outras manifestações culturais, que passaram a se identificar com seus ancestrais. Porém, é através da interação com os diversos grupos culturais que as crianças podem conhecer e respeitar a cultura local e de outros, passando a perceber que existem culturas e não somente uma cultura (a do colonizador branco), bem como diversas formas de saberes. Além disso, perceber que as culturas não são estáticas e estão em constante transformação e reconstrução por meio da criação e recriação é tarefa que precisa ser reforçada no processo educacional.

Mas, afinal, o que se entende por educação intercultural crítica? Oliveira (2015) considera que, desde o começo da gênese do pensamento educacional de Paulo Freire, a ideia de interculturalidade já aparece, sendo ligada à sua visão de humanização e a várias categorias fundantes, entre as quais: o oprimido, a cultura,

a invasão cultural, a síntese cultural, o diálogo, a autonomia, além de temas como a diferença, a identidade cultural, as questões de gênero e raça, e a tolerância.

Oliveira (2015) explica que Paulo Freire relaciona a opressão-libertação ao processo de desumanização-humanização, compreendendo a desumanização como negação da viabilidade ontológica de homens e mulheres. Por isso, as pessoas oprimidas precisam reconhecer-se como seres humanos, cuja vocação ontológica e histórica é *ser mais*. Essa é uma tarefa da educação freireana, a crítica ao processo social de desumanização e a luta pela humanização, por meio da crítica a um sistema social opressor e excludente, que precisa ser transformado, e o reconhecimento dos oprimidos de serem sujeitos de seu conhecimento, história e cultura.

Freire (2000), em uma perspectiva existencialista, destaca que o ser humano não é determinado, pois está em permanente processo de formação, e que a consciência de sua inconclusão viabiliza a sua educabilidade como “ser mais”, bem como compreende o ser humano em sua integralidade do ser, não dicotomizando suas capacidades cognitivas e sensíveis, trazendo para a educação tanto a criticidade quanto a amorosidade.

Freire (2015b, p. 18-19) afirma:

Sou uma inteireza e não uma dicotomia. Não tenho uma parte esquemática, meticulosa, racionalista e outra desarticulada, imprecisa, querendo simplesmente bem ao mundo. Conheço com meu corpo todo, sentimentos, paixão. Razão também.

Paulo Freire em diversas obras trata do tema interculturalidade de forma transversal, mas especificamente em defesa da diversidade cultural, valorizando o diálogo entre os diversos saberes advindos dos contextos culturais dos educandos. No livro *Pedagogia do oprimido*, Freire (1987) defende o diálogo e a escuta como elementos fundantes para concretização da educação intercultural libertadora, valorizando os saberes populares e propondo uma educação que considere a realidade cultural dos educandos. O diálogo é ação-reflexão-ação dos sujeitos com objetivo de transformar e humanizar o mundo, não é um ato de depósito de ideias, nem simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Na relação dialógica e comunicativa com o outro, os seres humanos se assumem como seres sociais e históricos. Para Freire (2007, p. 41), “a assunção de

nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não-eu’ ou do ‘tu’, que me faz assumir a radicalidade de meu eu”.

O diálogo, então, possibilita ao outro, aos oprimidos, a dizer sua palavra. E para Freire (1993, p. 19):

Foi exatamente porque nos tornamos capazes de dizer o mundo, na medida em que o transformávamos, em que o reiventávamos, que terminamos por nos tornar ensinantes e aprendizes. Sujeitos de uma prática que se veio tornando política, gnosiológica, estética e ética

Freire (1996) reforça a ética do respeito à dignidade e à diversidade dos sujeitos como riqueza pedagógica, bem como a prática docente e o reconhecimento das diferenças culturais dos sujeitos que chegam à escola é primordial para efetivação de uma educação libertadora. Assim, a questão da identidade cultural é algo muito importante e precisa de um olhar especial na educação. Ela envolve tanto a parte individual de cada estudante (quem ele é, sua história de vida, suas experiências) quanto a sua origem social, ou seja, a classe e cultura a que pertence. Respeitar essas dimensões é essencial para uma prática educativa realmente comprometida com a transformação social e, portanto, uma educação que se permite ser progressista e democrática.

Em *Educação como prática da liberdade*, Paulo Freire (2015a) entende que cultura é tudo aquilo que o ser humano cria, é fruto do seu esforço e da sua capacidade de imaginar e transformar. É algo que vai além do instinto: é crítica, criação e aprendizado contínuo. Não consiste em simplesmente receber informações prontas, mas construir conhecimento a partir da experiência vivida, de forma crítica e consciente. Na obra *À sombra desta mangueira*, Paulo Freire (2015b), reporta à questão da unidade na diversidade, quando os diferentes se unem para superar os obstáculos à criação de uma sociedade melhor, menos perversa, considerando não serem diferentes antagônicos.

O debate sobre a interculturalidade crítica também está presente em Candau (2008), Fleuri (2006), Sacavino (2016), Walsh (2009), entre outros.

Sacavino (2016) defende uma “educação outra”, que seja intercultural, descolonizadora e democrática, comprometida com a justiça social e o reconhecimento das diferenças como elementos enriquecedores do processo educativo. Walsh (2009) destaca que a interculturalidade crítica deve ser um

projeto político, ético e epistêmico que busca a transformação radical da sociedade. Isso envolve reconhecer e valorizar os saberes e as experiências dos povos historicamente marginalizados, como os indígenas e os afrodescendentes, e promover um diálogo genuíno entre diferentes culturas.

Segundo Candau (2008), a educação intercultural consiste em: a) buscar, de forma intencional, promover a interação entre diferentes grupos culturais em uma sociedade; b) entender que as culturas estão sempre em constante transformação, sendo feitas e refeitas ao longo do tempo; c) compreender que a hibridação cultural (mistura de culturas) como algo fundamental para a dinâmica e evolução dos diferentes grupos sociais; d) reconhecer que as relações culturais são influenciadas por questões de poder, marcadas por preconceitos e discriminação contra certos grupos sociais; e) enfatizar que não se pode ignorar a relação complexa entre a diferença cultural e as desigualdades sociais presentes na sociedade.

Fleuri (2006) destaca que a educação intercultural representa um desafio, pois deve conciliar o respeito às diferenças culturais com a construção de uma unidade que não as anule, mas, ao contrário, potencialize a criatividade e as possibilidades de conexão entre diferentes agentes e seus respectivos contextos sociais e culturais.

Assim, na educação intercultural crítica, é papel de educadores e educadoras incentivar a prática de uma pedagogia crítica, capaz de questionar e problematizar a cultura de massa e trabalhar o encontro entre as culturas de forma horizontal e respeitosa, por meio da valorização das diferenças e da diversidade cultural. Educação que busca realizar o diálogo entre as culturas, sem efetivar práticas opressoras.

o ensino de filosofia ubuntu com crianças em diálogo com a educação freireana

Os pressupostos filosóficos Ubuntu em interação com a educação humanista e intercultural crítica de Paulo Freire orientaram o relato da experiência educativa sobre o tema interculturalidade e cultura africana, realizada por educadores/as de um Núcleo de Educação Popular, com 16 crianças de 10 a 12

anos, de uma turma de 5º ano de uma escola pública do município de Belém (Pa), durante o período do segundo semestre de 2024.

Os/as educadores/as do Núcleo compreendem os seguintes pontos de convergência entre os princípios éticos da filosofia Ubuntu e os da educação freireana: a relação com o outro, pois o sujeito só se realiza no coletivo e se educa em comunhão; a valorização da diversidade e dignidade humana, realizada pelo respeito às diferenças culturais e pluralidade de saberes; a solidariedade e o compromisso coletivo, assumido como valor essencial à vida comunitária; a educação como processo humanizador, através da empatia e no respeito pelo outro; o diálogo como caminho para libertação, valorizando a escuta, o respeito como forma de convivência com o outro.

Além disso, Noguera e Barreto (2018, p. 7) nos convidam a compreender a infância no contexto da filosofia Ubuntu, a partir dos estudos de Zamantuli Scaraffiotti, em que a palavra “ubuntwana”, que significa infância, é formada pela aglutinação entre “ubuntu” e a palavra “twana”, a qual traduz uma relação de afeto, paixão, uma inclinação enamorada para humanidade. Interpretam o sentido filosófico da infância presente na palavra “ubuntwana” como: “A condição de possibilidade de experimentação da humanidade individual através da vivência com outros seres humanos, afirmação da nossa condição de seres interdependentes”. Assim:

Ubuntwana é assumir a infância como um sentido que propicia que encaremos a realidade como um território de contínua produção, instável e passível de reformulações e ressignificações. Por fim, *ubuntwana* remete, no contexto da filosofia ubuntu, a compreender a infância e, ao mesmo tempo, as crianças como inventoras de novos mundos (Noguera; Barreto, 2018, p. 8).

Dessa forma, partindo do entendimento de que as crianças são por natureza criadoras de novas formas de viver no mundo, o Grupo de Estudos e Trabalhos com Educação Freireana e Filosofia (GETEFF) desenvolveu as atividades educativas focadas nos princípios éticos da filosofia Ubuntu.

Por meio do círculo dialógico se explicitou a filosofia Ubuntu, com a valorizando de sua ética, assim como traços da cultura africana e sua importância para a construção da identidade do povo brasileiro.

O círculo dialógico com as crianças foi realizado, em forma de círculo, por meio de perguntas: quais países do continente africano vocês conhecem? O que

são os quilombos e quem são os quilombolas? Quais traços da cultura africana vocês identificam no contexto brasileiro? Vocês conhecem a filosofia Ubuntu?

Em relação à primeira pergunta, os estudantes responderam que conheciam, através da televisão e dos jogos olímpicos, os seguintes países: África do Sul, Angola, Camarões. Em seguida, os/as educadores/as utilizaram o mapa-múndi, no qual cada criança identificou os países do continente africano (Quênia, Chade, Egito, Líbia, Etiópia, Mali, Camarões, Angola, África do Sul, Marrocos, Botsuana, Madagascar, Moçambique, Somália, Mauritânia, Tanzânia). Um diálogo, então, foi estabelecido com as crianças sobre o continente africano, bem como sobre o pensamento colonial, que invisibiliza o povo africano e sua cultura.

Sobre a segunda pergunta, as crianças ficaram pensativas, mas não souberam responder. Uma das professoras explicou tanto sobre o significado dos quilombos quanto das comunidades quilombolas, sendo discutida a escravidão de pessoas negras (Relatório GETEFF, 2024)¹.

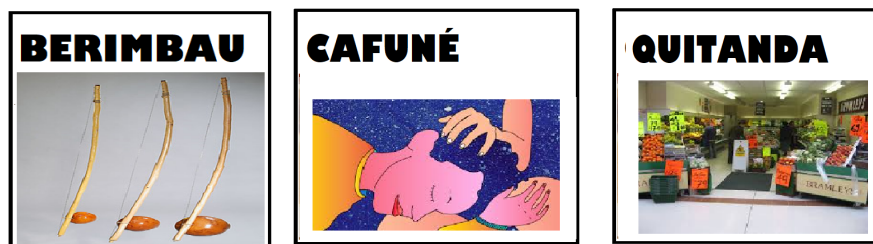
Na terceira pergunta, alguns responderam que conheciam a brincadeira “Terra e Mar” e o jogo “Escravos de Jó”, bem como animais como os elefantes e as vestimentas como turbantes, e sabiam de um grupo em que as mulheres usavam um colar para alongar o pescoço.

Os/as educadores/as apresentaram elementos da cultura africana e criaram fichas de significados de palavras africanas, visando a percepção das crianças sobre a presença da cultura africana em diversos segmentos da vida cotidiana brasileira. Exemplos:

Figura 1 – Fichas de palavras africanas.



¹ GETEFF (Grupo de Estudo e Trabalho com Educação Freireana e Filosofia) vinculado ao Núcleo de Educação Popular (NEP/UEPA).



Fonte: Relatório GETEFF, 2024.

As crianças identificaram os elementos culturais das figuras, leram o significado das palavras, que foram amplamente discutidas no grupo, e, em seguida, apontaram como a cultura africana estava em diversos segmentos da vida cotidiana.

Sobre a quarta pergunta, “o que é a filosofia Ubuntu?”, as crianças disseram nunca terem ouvido falar. Os/as educadores/as então explicaram o significado e a importância da filosofia Ubuntu, pelo fato de valorizar a diversidade e dignidade humana, o respeito ao outro e a solidariedade humana, rompendo com práticas individualistas, egoístas, racistas e desrespeitosas.

Os princípios éticos Ubuntu foram trabalhados nas brincadeiras africanas, que possibilitaram o exercício da cooperação, da empatia, da alteridade, assim como o respeito e a solidariedade entre as crianças, além de fortalecer o sentimento de pertencimento e identidade das crianças, como integrantes de povos africanos.

Entre as brincadeiras constantes no relatório do GETEFF de 2024, duas são destacadas, nas quais foram trabalhados os princípios éticos da filosofia Ubuntu.

- 1) Brincadeira “Acompanhe meus pés” (do Zaire, atual República Democrática do Congo).

O número de participantes na brincadeira é livre. As crianças escolhem um líder para começar a brincadeira e, em seguida, formam uma roda ao redor dele. O líder, então, deve cantar e dançar uma música, batendo palmas no centro da roda, até parar na frente de uma das crianças, a qual deverá refazer os movimentos da dança para se tornar o líder. Caso não consiga, o líder repete os passos da dança e a criança tenta de novo, sendo estimulada pelos participantes da brincadeira, até

conseguir cumprir a tarefa e se tornar líder. Os participantes podem inventar movimentos de acordo com a criatividade do grupo. Dessa forma, todas as crianças participam, conseguem ser líder com a ajuda e incentivo das demais crianças.

2) Brincadeira “Labirinto” (de Moçambique).

Um labirinto é desenhado no chão, com giz. As crianças, para iniciar a brincadeira, usam uma pedra ou outro objeto para marcar o lugar do ponto de partida de cada jogador. Para avançar no labirinto, as crianças criam tarefas a serem cumpridas pelos participantes, como contar uma estória, identificar a mímica feita por um colega, entre outros critérios que podem ser inventados pelo grupo de acordo com a imaginação. Assim, todos caminham no labirinto, realizando tarefas criadas pelo próprio grupo, inclusive com a ajuda dos colegas.

Figura 2. Brincadeira Labirinto.



Fonte: Relatório GETEFF, 2024.

Essas brincadeiras possibilitaram a interação entre as crianças, levando-as a perceber que sem o outro não há brincadeira; todos brincam juntos sem competição, sendo incentivada a cooperação, a união, o respeito ao outro e a solidariedade entre os participantes. Além disso, consistiu em um momento de socialização e diversão em que o lúdico foi uma ponte para a reflexão sobre os princípios éticos da filosofia Ubuntu, porque ao final de cada brincadeira se analisava as atitudes e relações interpessoais entre os participantes, bem como se identificava com as crianças os ensinamentos que as brincadeiras transmitiam em relação à cultura africana (Relatório GETEFF, 2024).

Portanto, os momentos das brincadeiras proporcionaram às crianças experimentar a humanidade, por meio dos princípios éticos da filosofia Ubuntu, vivenciados em práticas dialógicas de cooperação e valorização do outro. Durante as brincadeiras, todos os envolvidos foram convidados a brincar juntos ajudando uns aos outros, e essa cooperação fortaleceu o coletivo, pois todos foram tratados com dignidade. Nesse sentido, os princípios da filosofia Ubuntu quando utilizados no contexto escolar mediante brincadeiras africanas com crianças nos leva a compreender e vivenciar o verdadeiro significado da palavra “ubuntu”: “Eu sou porque nós somos”.

considerações finais

No ensino de filosofia com crianças de uma escola pública de Belém, no ano de 2024, foi trabalhado pedagogicamente o tema interculturalidade e cultura africana; para isso, utilizou-se a filosofia Ubuntu, com vistas a valorizar a cultura dos povos africanos, fundamental à construção da identidade do povo brasileiro. Para isso, foi utilizada a metodologia freireana, constituída de tema gerador, círculos dialógicos e fichas de significados, além de brincadeiras africanas, através das quais as crianças se divertiram e conseguiram identificar que a expressão da cultura dos povos africanos faz parte de suas infâncias em suas comunidades.

Entre os resultados desta experiência educativa destacam-se: a) a aquisição de palavras, saberes e vivências no cotidiano brasileiro da cultura africana; b) o conhecimento de filosofias outras, como a filosofia Ubuntu; c) a dimensão educativa da filosofia Ubuntu, em interação com o pensamento educacional de Paulo Freire; d) o fortalecimento do sentimento de pertencimento e identidade das crianças, as quais perceberam que as brincadeiras africanas fazem parte de suas vivências em comunidade; e) a identificação dos princípios éticos da filosofia Ubuntu através do brincar.

referências

- CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 13-37.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, v. 27, n. 95, p. 331-334, 2006.

- Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/Kwkmd6D4VKcmv5tkW7tsvdv/?lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.
- FREIRE, Paulo. *À Sombra desta mangueira*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- KASHINDI, Jean-Bosco Kakozi. Ubuntu como ética africana, humanista e Inclusiva. *Cadernos IHU Ideias*, Porto Alegre, v. 15, n. 254, 2017. p. 5. Disponível: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/254cadernosihuidias.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- NOGUEIRA, Renato; BARRETO, Marcos. Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, 2018.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Paulo Freire: gênese da interculturalidade no Brasil*. Curitiba: CRV, 2015.
- RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Tradução para uso didático: Arnaldo Vasconcellos. Harare: Mond Books, 1999. p. 49-66. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/texto16.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- SACAVINO, Susana Beatriz. Educação descolonizadora e interculturalidade: notas para educadoras e educadores. In: CANDAU, V. M. (org.). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?* Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2016. p. 188-201.
- TUTU, Desmond. Desmond Tutu’s Ubuntu: A Philosophy for a Better World. *Medium*. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@untusoul/desmond-tutus-ubuntu-a-philosophy-for-a-better-world-d5206aa4f0ef>. Acesso em: 24 jun. 2025.
- WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2009. p. 12-39.

maria josé campelo costa

Pedagoga formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP), da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

ivanilde apoluceno de oliveira

Pós-doutorado em educação na PUC-RJ. Doutorado em Educação pela PUC-SP. Mestrado em Educação Popular na UFPB. Graduada em Filosofia pela UFPA. Docente do PPGED-UEPA. Coordenadora do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire da UEPA. Bolsista produtividade do CNPq.

como citar este artigo:

ABNT: COSTA, Maria José Campelo; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Educação freireana, brincadeiras africanas e filosofia Ubuntu com crianças. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 1-18, 2025. Disponível em: [inserir o link]. Acesso em: [inserir link].

APA: Costa, M. J., & Oliveira, I. A. (2025). Educação freireana, brincadeiras africanas e filosofia Ubuntu com crianças. *childhood & philosophy*, 21, 1–18.
<https://doi.org/10.12957/childphilo.2025.93179>

créditos

- **Reconhecimentos:** Não aplicável.
 - **Financiamento:** Não aplicável.
 - **Conflitos de interesse:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
 - **Aprovação ética:** Não aplicável.
 - **Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável
 - **Contribuição dos autores:** Conceitualização; Redação.; Análise formal; Investigação: COSTA, M. J. C.; OLIVEIRA, I. A.; revisão e edição do texto: OLIVEIRA, I. A.
 - **Imagem:** Não aplicável.
 - **Preprint:** Não houve publicação de *preprint*.
-

artigo submetido ao sistema de similaridade :::plagium™

submetido em: 28.07.2025

aprovado em: 30.10.2025

publicação: 30.11.2025

revisor 1: ellen souza revisor 2: marcelo moraes